



[Salvar Link](#)

Elogiado ou não pela crítica, Roberto Carlos nunca perdeu a majestade

Os escritores Jotabê Medeiros, Tito Guedes, Paulo Cesar de Araújo e o cantor Samuel Rosa analisam a obra do gigante da música popular brasileira

Por

Bruno Mateus

19/04/21 - 06h54

Siga o Portal O TEMPO no [Google News](#)

Nesta segunda-feira (19), Roberto Carlos completa 80 anos. Esse capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, filho de integrantes da classe operária – a mãe costureira e o pai relojoeiro –, está há mais de meio século no imaginário coletivo do povo brasileiro. Desde que explodiu com o fenômeno pop da Jovem Guarda, ele é personagem indelével de nossa cultura. Goste-se de suas músicas ou não, Roberto nunca saiu dos holofotes. Neste aniversário, como é esperado em efemérides que carregam essa importância, o cantor e compositor é celebrado em [homenagens](https://www.otempo.com.br/diversao/homenagens-marcam-os-80-anos-de-roberto-carlos-1.2474079) e é [tema de três livros](https://www.otempo.com.br/diversao/trajetoria-de-roberto-carlos-e-tema-de-tres-novos-livros-1.2474073).

Cada uma à sua maneira, as publicações jogam luz sobre a obra do compositor, que é, no fim das contas, o que importa e o que sustenta essa figura que, como nenhuma outra, consegue estar em lugares tão distintos como no espaçoso apartamento do rico e na casa de um só cômodo do pobre; na igreja e no estádio de futebol; nas procissões e no botequim; e ganhar, com a mesma presença e influência, o coração de artistas dos mais diferentes estilos e regiões. Roberto Carlos habita todas as contradições e paradoxos que há neste país desigual.

Paradoxais também são os títulos que o compositor recebeu dos críticos em diferentes momentos: de “repetitivo”, “debilóide”, “ultrapassado” e “insignificante” a “rei”, “cantor excepcional”, “decifrador do inconsciente coletivo” e “grande compositor”. Essa bipolaridade chamou a atenção do pesquisador Tito Guedes, autor de “Querem Acabar Comigo: Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical”, que traça esse retrato da obra do cantor a partir da perspectiva de como jornalistas especializados olharam para a carreira do artista.

Roberto Carlos - Quando (Áudio Oficial)



As idas e vindas dessa relação, que vão do elogio ao cancelamento, segundo Guedes, revelam também a complexidade de Roberto como um artista que ocupa um lugar muito particular na cultura brasileira: “Por mais que ele estivesse sendo detonado em algum momento, ele estava sempre sendo falado. Roberto Carlos nunca viveu um período de ostracismo, nunca deixou de ser comentado, mesmo sendo odiado por muitos críticos. Ele nunca deixou de ter relevância e é ouvido pela elite e pelo cara mais pobre”.

Complexo

O jornalista e escritor Paulo Cesar de Araújo, autor do novíssimo “Roberto Carlos Outra Vez”, volta ao cantor com o qual protagonizou disputas judiciais por conta da proibição da biografia “Roberto Carlos em Detalhes”, de 2006. Araújo diz que responder quem é esse personagem é uma tarefa que não se esgota facilmente e esse questionamento ganha várias respostas devido à complexidade do homem e do artista, dono de uma rica trajetória. Religião, bossa nova, rock, música romântica e popular, alienação, estética, cultura de massa... Tudo isso envolve Roberto Carlos.

“É muita coisa, daí as várias interpretações possíveis, todas legítimas, válidas”, comenta Araújo. “Ele é um ser complexo, fundamentalmente um menino do interior, um homem suburbano que veio do Brasil profundo, discípulo de João Gilberto, mas que também buscou referências de comportamento e ídolos nos Estados Unidos. A obra dele é resultado disso”, acrescenta. Para o jornalista Jotabê Medeiros, que lança, nesta segunda (19), “Roberto Carlos: Por Isso Essa Voz Tamanha”, é fundamental entender seu biografado não só como o primeiro fenômeno de massa da juventude brasileira, mas como um fenômeno pop da música brasileira da periferia. Esse diálogo com o popular acabou fazendo com que a crítica, com seu parâmetro classe média do que é bom gosto, olhasse para Roberto, cada vez mais identificado com o proletariado a partir dos anos 80, com preconceito e certo desdém. “Eu acho que o Roberto viveu primeiro que todo mundo o cerco dos ‘haters’”, pondera.

Roberto Carlos - As Curvas da Estrada de Santos (Áudio O...



Medeiros comenta que, para escrever o livro, ignorou certos estigmas que cercam a figura de Roberto Carlos, que chega aos 80 anos necessário, influente e relevante. Se a música tem um aspecto espiritual de elevação, diz Medeiros, Roberto Carlos canta com a rara consciência da importância das palavras. “Ele canta como se fosse a última vez que cantasse uma canção. O Roberto sabe a importância de transmitir esse sentimento, ele acredita em tudo que ele canta, e isso é um legado inestimável”, avalia.

Samuel Rosa: “A obra dele será sempre relevante”

Em 1994, o Skank gravou “É Proibido Fumar”, de Roberto e Erasmo, no disco “Calango”. Em 2001, quando Roberto gravou o “Acústico MTV”, lá estava Samuel Rosa batendo as cordas de seu violão enquanto o cantor interpretava a canção. “É uma música obrigatória em qualquer set list do Skank”, resume o guitarrista. Para ele, Roberto Carlos conseguiu, como ninguém, aliar apelo musical de extrema popularidade e relevância.

Roberto Carlos:É Proibido Fumar



“Essas coisas nem sempre andam juntas. Roberto conseguiu esse resultado inédito na música brasileira, e isso só faz perpetuar a imagem, a obra e o nome dele”. O vocalista do Skank observa que o Rei colocou ingredientes da música romântica latina, da Jovem Guarda, do rock e do pop cantado em português e da soul music em um caldeirão naturalmente assimilado pelas massas. Em sua obra, não há nada complicado: “Ele conseguiu fazer uma síntese simples, mas não fácil de fazer. O simples não é fácil”. Ao falar sobre o aniversariante, Samuel faz questão de ressaltar que, aos 80 anos, Roberto Carlos e sua obra seguem dialogando com diferentes gerações e influenciando artistas de diversos estilos. “Ele continua importante, até hoje ele faz o Brasil cantar e é uma referência, um norte para o Skank e para a música pop de massa, a música cantada por multidões”, finaliza.